

CÔAVISÃO

CULTURA E CIÊNCIA

N.º 12 • ANO DE 2010

EDIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE FOZ CÔA

Restos Vegetais Carbonizados do Prazo e Rumansil (Freixo de Numão)

Relatório Provisório

ISABEL FIGUEIRAL

INTRODUÇÃO

O material vegetal carbonizado provém de amostras recolhidas nas estações do Prazo e Rumansil (Freixo de Numão – V.N. de Foz Côa) escavadas sob a direcção do Dr. Sá Coixão.

Trabalhos recentes sobre a biogeografia de Portugal¹ incluem a zona de Freixo de Numão na Região Mediterrânica, província Carpetano-Ibérico-Leonesa, Sector Lusitano Duriense, Superdistrito da Terra Quente. Segundo os autores, trata-se de uma zona dominada pelos xistos, com afloramentos quartzíticos no cimo das encostas, caracterizada por bosques mistos de sobreiros e zimbros (*Rusco aculeate-Quercetum suberis juniperetosum oxycedry inéd.*), por matos do *Lavandulo-Cytisetum multiflori* e do *Cytiso multiflori-Retametum sphaerocarpaceae*, e por estevais pertencentes ao *Euphorbio (broteroi) oxyphyllae-Cistetum Ladaniferae inéd.*

O levantamento de vegetação actual efectuado na zona do Prazo revelou a presença de: Azinheira, identificada localmente como Carrasco (*Quercus rotundifolia*), Cornalheira (*Pistacia terebinthus*), Pilriteiro (*Crataegus monogyna*), Gilbardeira (*Ruscus aculeatus*), Trovisco (*Daphne gnidium*), Giestas (*Cytisus ssp.*), Azevinho (*Ilex aquifolium*), Lodão-Bastardo (*Celtis australis*), Zimbros (*Juniperus oxycedrus*), Carvalhos (*Quercus* folha caduca), Figueira (*Ficus carica*), Pinheiro Bravo (*Pinus pinaster*), Sumagre (*Rhus ssp.*), Silvas (*Rubus ssp.*). Nas zonas

húmidas crescem Salgueiros (*Salix spp*) e Cana de Provença (*Arundo donax*). Os terrenos cultivados incluem Aveleira (*Corylus avellana*), Nogueira (*Juglans regia*), Vinha (*Vitis vinífera*), Amendoeira (*Prunus dulcis*), Cerejeira (*Prunus cerasus*) e Macieira (*Malus domestica*). Segundo testemunhos locais o Negrilho, ou Ulmeiro (*Ulmus sp.*) espécie nativa da zona, terá sido dizimada pela grafiose.

MATERIAL ESTUDADO E RESULTADOS OBTIDOS:

A lista taxonómica obtida pode ser consultada no quadro em anexo, onde se apresentam igualmente os resultados quantitativos.

Amostra 1: Rumansil I, 2002

Sector III, quadrado 19, camada 3

Fossa sudeste do armazém de vinhos

A análise engloba 339 restos carbonizados, sobretudo carvões. Como mostra o quadro em anexo a amostra é dominada pelos fragmentos de carvalho (64,6%), seguido do pinheiro bravo/manso (16,8%) e do medronheiro (8%). De notar a presença de 19 grainhas de uva.

Amostra 2: Prazo, 1998

Sector II, quadrado 1, camada 2

Forno de fundição de ferro em tijolo

Sete grandes fragmentos de carvão constituem o total da amostra. Foram todos identificados como Urze Branca.

¹ Costa, J.C., Aguiar C., Capelo, J.H., Lousã, M., Neto, C., 1998. Biogeografia de Portugal Continental. Quercetea, vol. ALFA e FIP (eds.) Bragança, 56 pág.

Amostra 3: Prazo, 1996

Sondagem Y, camada 2

Zona de lareira de cozinha

A amostra comporta apenas 3 fragmentos de carvão de medronheiro.

Amostra 4 e 14: Prazo, 2002

Sector VII, quadrado 4, camada 2

Zona de celeiro

As fabáceas (tipo giestas) dominam estas amostras (43,2%) seguidas pelo medronheiro (16,8%) e urzes (13,5%). Os outros taxa aparecem mais esporadicamente. Uma grainha de uva foi detectada igualmente.

Amostra 5: Prazo, 2001

Sector IV, quadrado 30, camada ¾

Enchimento do tanque 1

A amostra é constituída apenas por 6 fragmentos de carvão, pertencentes a Urze branca.

Amostra 6: Prazo, 2002

Sector IX, quadrado 45, camada 2

Buraco de poste n.º 13

Um só taxon foi identificado nos 20 fragmentos estudados. Trata-se de pinheiro bravo/manso.

Amostra 7,8 e 11: Prazo, 2001

Sector V, quadrado 30, camada 3

Zona de lareira de cozinha

As frequências obtidas por diversos são muito semelhantes, como podemos ver no quadro; os carvalhos atingem 18,4%, seguidos imediatamente pelas fabáceas e urzes (15,2%), medronheiro (14,4%) e cistácias (13,6%). De notar igualmente a presença de cereais (1 cariopse de trigo e outra cevada) e fragmentos de bolota.

Amostra 15: Rumansil I, 2002

Sector III, quadrado 44, camada 4 A

Zona de despejo de restos de fornos cerâmica

O material em quantidade relativamente reduzida e mal preservado, comporta sobretudo freixo e azinheira / sobreiro (13 fragmentos de cada num total de 52 restos), seguidos de medronheiro. Quatro grainhas de uva estavam igualmente incluídas.

.....
.....

As amostras estudadas são muito pontuais e ligadas a estruturas específicas; os resultados obtidos têm assim sobretudo um interesse etnológico. A nível ecológico assinala-se apenas a presença/ausência de espécies.

Começamos assim sobre as informações respeitantes à flora local. A lista taxonómica apresenta-nos elementos de carácter marcadamente mediterrânico, como aliás seria de esperar nesta região do Alto Douro. Esta lista (Quadro em anexo) é composta fundamentalmente por taxa anteriormente identificados em estações da região² com duas excepções: o castanheiro e a figueira. Tendo em conta a cronologia do material estudado pensamos que se trata aqui das espécies cultivadas. Por outro lado deveremos fazer uma referência especial à identificação da vinha. Com efeito a *Vitis* foi igualmente identificada durante a ocupação mesolítica do Prazo (escavação de Sérgio Rodrigues)³. Durante o Mesolítico tratar-se-ia seguramente de espécie silvestre; no que diz respeito ao material estudado agora as características morfológicas das grainhas de uva mostram claramente que se trata da espécie cultivada e não da espécie selvagem, que cresce ao longo de linhas de água.

Quatro factos captam a nossa atenção:

Assim a amostra 2, diz respeito a um forno de fundição e a lenha utilizada é a urze branca; pensamos que esta espécie teria sido escolhida propositalmente uma vez que é um excelente combustível, permitindo atingir temperaturas elevadas.

As amostras 4 e 14 parecem dizer respeito a uma zona de celeiro. A ausência de restos de cereais parece indicar que o material recolhido não corresponde a um período de armazenagem, mas provavelmente a uma utilização posterior da estrutura, possivelmente como lixeira. A riqueza taxonómica permite mesmo pensar que se trata de

² Figueiral, I., 1999. Castelo velho (Freixo de Numão, Portugal). The charcoaled plant remains and their significance. *Journal of Iberian Archaeology*, 1: 259-267.

³ Figueiral, I., A estação Pré-histórica do Prazo (Freixo de Numão, V.N. Foz Côa). Os restos vegetais carbonizados. (relatório inédito).

um depósito lento, ou seja uma estrutura utilizada durante um espaço de tempo relativamente longo. O mesmo parece acontecer com a lareira do quadrado 30 (sector V, amostras 7,8 e 11). A identificação de um sepctrum taxonómico alargado numa lareira constitui a excepção à regra. Com efeito este tipo de estrutura fornece habitualmente listas de espécies muito reduzidas. Assim os restos recolhidos na nossa lareira resultam provavelmente de várias utilizações.



URZE (planta utilizada, há cerca de 2.000 anos, no sítio Romano do PRAZO para combustível de fornos de fundição de metais)



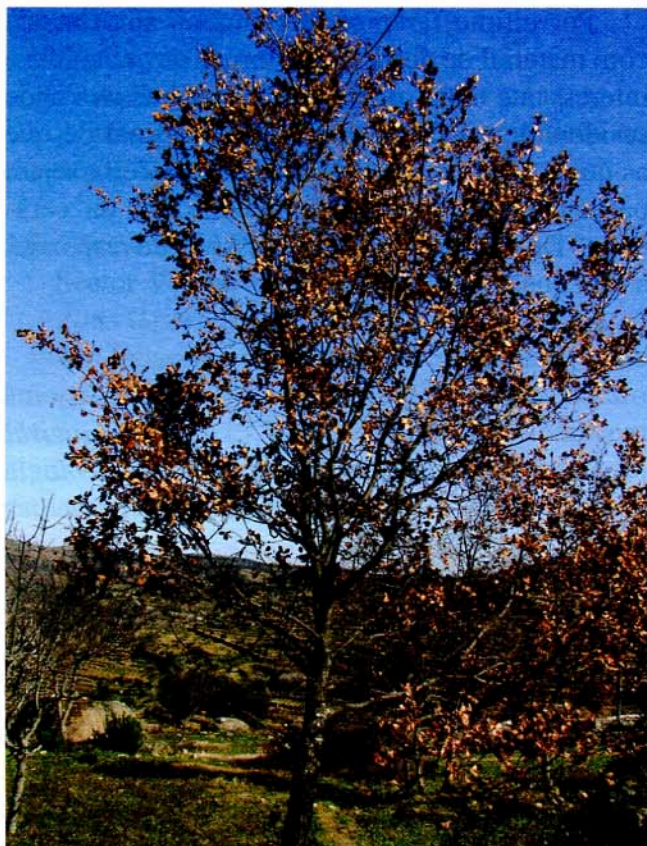
MEDRONHEIRO (espécie registada em carvões do período Romano, nos sítios do PRAZO e RUMANSIL I)

Por último faremos referência à amostra 15, com material de despejo dos fornos de cerâmica; é interessante notar que esta é a única amostra onde se identifica o freixo. Será isto um sinal de que as qualidades combustíveis da sua madeira sejam particularmente adaptadas à cozedura da cerâmica? De momento é-nos impossível de responder a esta questão.

*Isabel Figueiral
Centre de Bio-Archéologie et d' Ecologie
UMR 5059, Montpellier*



GIESTA (espécie registada em carvões de lareiras, no sítio do PRAZO)



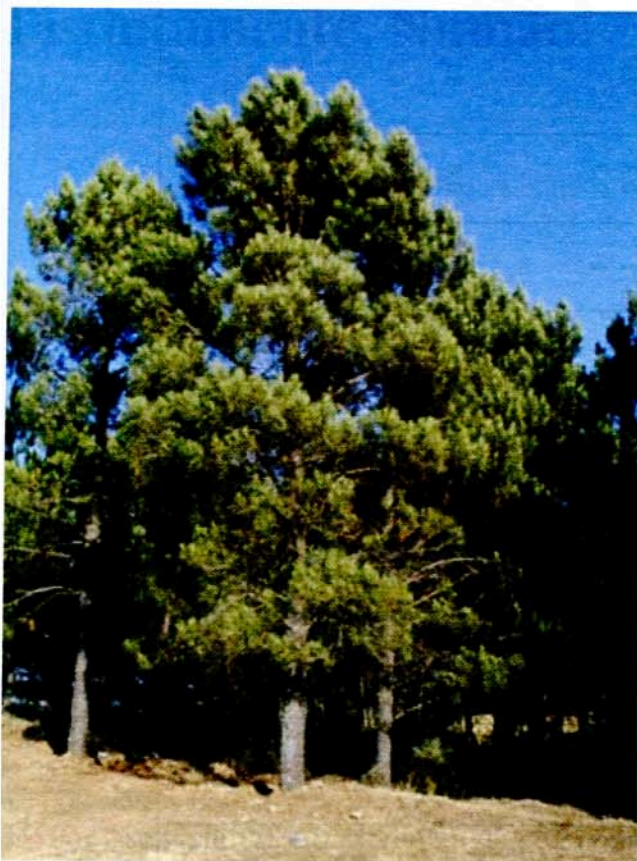
CARVALHO (espécie vegetal registada em carvões do PRAZO e RUMANSIL I)



*AZINHEIRA (CARRASCO) –
(registada em carvões do sítio do RUMANSIL I)*



FREIXO (enquadramento actual de freixos com Património Natural no sítio do Pontão das 3 Bocas em Freixo de Numão)



PINHEIRO (espécie registada em carvões dos sítios do PRAZO e RUMANSIL I)



FREIXO (árvores) – espécie registada em carvões recolhidos no sítio do RUMANSIL I

Rumansil									
Prazo									
amostra sector/quadro camada estrutura									
II/Q1 2 f.fundição									
3 Sondag.Y 3 ladeira									
7, 8 e 11 V/Q30 3 ladeira									
6 IX/Q45 2 BP 13									
5 VI/Q30 ¼ tanque 1									
4 VII/Q4 2 zona celeiro									
4 + 14 %									
27									
8									
15 III/Q44 4 A z. despejo									
2									
2									
0,6									
3									
0,9									
1									
13									
57									
16,8									
8									
2,4									
219									
64,6									
1									
0,3									
1									
0,3									
1									
0,3									
1									
0,3									
2									
0,6									
11									
2									
0,6									
19									
5,6									
4									
339									
52									

Prazo									
amostra sector/quadro camada estrutura									
II/Q1 2 f.fundição									
3 Sondag.Y 3 ladeira									
7, 8 e 11 V/Q30 3 ladeira									
6 IX/Q45 2 BP 13									
5 VI/Q30 ¼ tanque 1									
4 VII/Q4 2 zona celeiro									
4 + 14 %									
21									
16,8									
1									
0,3									
15									
9,4									
0,3									
13,2									
43,2									
0,9									
1									
32									
13									
62									
85									
3									
0,3									
1									
0,3									
1									
0,3									
2									
1,2									
10									
3,8									
2									
1,2									
1									
0,3									
160									
6									
180									
20									
125									
3									
7									
125									
20									
6									
180									
160									
52									